



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O Trabalho com Textos Bíblicos: temas relevantes para a tarefa de leitura e tradução⁷⁶

Por: Guilherme Sachs⁷⁷

guilherme.sachs@ifpr.edu.br

Resumo

Neste trabalho, são problematizadas algumas questões sobre temas relevantes para a leitura e tradução de textos bíblicos. Busca-se pensar temas centrais dos Estudos da Linguagem, área de vital importância para o exercício de interpretação de tudo o que se relaciona com a linguagem, como a Bíblia, por exemplo. Desse modo, descreve-se tal importância, na tentativa de demonstrar quão produtivo é o uso das ferramentas dos Estudos da Linguagem para desvelar relações de poder que bem abordadas nas traduções e leituras bíblicas podem servir de ferramenta contra o fundamentalismo religioso. Para tal, discutimos a influência da sócio-histórico-culturalidade do tradutor em seu trabalho, revelando que as traduções bíblicas sofrem tal influência, bem como a influência do contexto sócio-histórico-cultural na produção dos textos departida.

Palavras-chave: Estudos da Linguagem; Concepções de Linguagem; Gêneros Textuais; Análise Crítica do Discurso; Viés do Tradutor.

⁷⁶ Texto inédito.

⁷⁷ É mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, é Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, é Graduado e Licenciado em Geografia e em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES, é Graduado e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e Graduado e Licenciado em Letras Hispano portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, campus da cidade de Telêmaco Borba - Pr. Atua como Integrante do Projeto de Pesquisa sobre Estratégias para a compreensão e leitura em língua estrangeira e no Projeto sobre Noções de docentes de ciências acerca da educação científica para a equidade de gênero – Parte 1: elaboração de instrumentos de coleta de dados; como Coordenador no Projeto sobre Línguas estrangeiras no Currículo Oficial do Brasil: reforma Francisco Campos ao governo Temer. Participa como Integrante dos seguintes Projetos de Extensão: Cine café hispânico; Cine clube: cinema e realidade social no campus Telêmaco Borba; Projeto AORT A: arte na horta, horta na arte; Clube de Ciências: refletindo e disseminando a ciência e os avanços científicos com uma estratégia interdisciplinar; Educação ambiental e outros. É membro do Corpo Editorial da Revista *Alembra*. Revisor do periódico “HIPÁTIA: Revista brasileira de História, Educação e Matemática”. Em 2018 recebeu o prêmio de melhor trabalho na área de saúde no VII SEPIN, com o trabalho “Jogos e infecções Sexualmente transmissíveis (IST’s) – uma relação sexualmente responsável, pelo Instituto Federal do Paraná. É autor de artigos científicos nacionais e internacionais. É co-autor do livro “Reflexões sobre o ensino de línguas e formação de professores no Brasil: uma homenagem à professora Telma Guimenez” (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

En ĉi tiu laboro, ni problematized kelkajn demandojn pri temoj gravaj al la legado kaj tradukado de bibliaj tekstoj. Serĉu-pensanta centraj temoj de Lingvo Studoj, esenca areo de graveco por la ekzerco de lego de ĉio kiu rilatas al la lingvo, kiel la Bibli o, ekzemple. Tiel, tia graveco estas priskribita en provo por montri kiel produktivaj estas la uzo de la lingvo Studoj iloj por malkovri potencrilatoj kiuj bone traktita en la tradukoj kaj Biblio legadoj povas servi kiel ilo kontraŭ religia fundamentalismo. Tiucele ni diskutas la influo de la tradukisto la soci -historia-kultura en ilia laboro, rivelante ke Biblio tradukoj suferas tian influon kaj la influo de soci -historia kaj kultura kunteksto dela produktado defonto tekstoj.

Ŝlosilvortoj: Lingvo Studoj; Konceptoj lingvo; ĝenroj; Kritika diskurso analizo; Tradukisto emo.

Abstract

In this paper, some questions about issues relevant to the reading and translation of biblical texts are discussed. I t seeks to think central themes of Language Studies, an area of vital importance for the exercise of interpretation of everything that relates to language, as the Bible, for example. I n this way, this importance is described in an attempt to demonstrate how productive the use of the tools of Language Studies is to produce relationships of power that are well dealt with in translations and biblical readings that can serve as a tool against religious fundamentalism. For this, we discuss the influence of the socio-historical-culturality of the translator in his work, revealing that the biblical translations suffer such influence, as well as the influence of the socio-historical-cultural context on theproduction of the original texts.

Keywords: Language Studies; Language Concepts; Textual genres; Critical Discourse Analysis; Bias of the Translator.

Iniciando o Tema

A linguagem é a base para toda forma de interação humana. Esse argumento é amplamente defendido e já faz parte de um conhecimento estável na área dos Estudos da Linguagem. O desenvolvimento linguístico foi o primeiro passo do homem para sua diferenciaçãodos demais animais e a organização de estratos sociais e culturais. É certo que se cogita que outros animais como os golfinhos, por exemplo, também possuem esta qualidade, contudo o ser humano é o único que a tem de forma largamente desenvolvida. Bakhtin (1992) lembra que a língua vem da necessidade do homem de se expressar e se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

exteriorizar; ela resume a criatividade de comunicação espiritual do indivíduo.

Podemos citar muitos tipos de linguagem tais como a escrita, a oral, a por sinais, o sistema braile, o código Morse, as indicações de trânsito, entre tantas outras. Nas sociedades modernas, as duas linguagens mais valorizadas e desenvolvidas são justamente as duas primeiras, a escrita e a oral. A escrita tem destaque nos meios de comunicação como a internet, o jornalismo, publicações científicas etc.

A Bíblia também é um exemplo do uso da linguagem escrita, sendo um dos principais livros do mundo e o mais importante dentro da cultura cristã. Trata-se do livro mais vendido de todos os tempos e também o mais traduzido (mais de 2.800 línguas) (LIMA, 2018). “Nenhum outro texto de igual importância é enunciado em tantos idiomas” (OUSTINOFF, 2011, p. 12). Por conta dessa influência que esse livro exerce, é ainda mais necessário problematizar suas traduções que remetem a escritos muito distante cultural e historicamente do presente.

Dietrich (2016) atenta para o fato de que é carente reflexões sobre tradução da Bíblia nas academias, sendo que “menor ainda é o confronto da tradução da Bíblia com as diversas teorias que ao longo dos anos se desenvolveram no campo da tradução” (p. 105). O mesmo autor nos alerta que, em se tratando das traduções bíblicas, os tradutores deixam suas doutrinas (viés do tradutor) falarem mais alto que às vozes do texto, além de considerarem o cristianismo como a única religião válida.

Diante disso, é fundamental que se pense em questões que envolvam a tradução, destacando àquelas que nem sempre são evidenciadas, apesar de sua importância. É disso que se trata esse texto. Nas próximas seções, problematizam-se algumas questões que se acredita ser fundamentais para o trabalho com o texto bíblico, principalmente se se pretende buscar minimização do fundamentalismo religioso e de preconceitos que se baseiam no texto sagrado dos cristãos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Concepções de Linguagem

Ao longo da evolução dos Estudos da Linguagem, a concepção de língua e linguagem passou por diferentes etapas. Conforme a corrente filosófica em destaque em cada período, a língua e a linguagem são entendidas de formas distintas da concepção que dominava o período anterior. Desse modo, ocorre uma quebra de paradigma, surgindo uma nova concepção que sempre está de acordo com a visão de mundo da sociedade que a produziu e passa a se sobrepôr sobre as demais concepções, não as extinguindo, mas sendo predominante.

A concepção que se tem da língua/ linguagem, mesmo quando não consciente, influi diretamente sobre todo o trabalho com leitura (inclusive na forma como se trabalha com os escritos bíblicos), uma vez que cada concepção reflete uma leitura de mundo, construída e partilhada coletivamente em um espaço-tempo determinado. Contudo, os estudos dos textos tidos como sagrados, nem sempre, têm dado a importância devida aos Estudos da Linguagem. Estudos mais recentes acerca de gêneros textuais e Análise de Discurso, por vezes, são ignorados (apesar da grande importância que esse têm tido para a compreensão do funcionamento da linguagem, que é por onde ocorre toda e qualquer forma de interação humana, incluindo aqui o estudo bíblico), principalmente quando se estuda de uma perspectiva de fé, fato que prejudica um entendimento crítico amplo dos textos religiosos.

Já foi predominante a concepção de *linguagem como expressão do pensamento*. Nesta concepção, supõe-se que o que o indivíduo deseja expressar surge no seu interior e é expresso por meio da língua. Não importa, portanto, o meio social onde o indivíduo está inserido. A expressão do pensamento é monológica. Esta linha segue preceitos puramente cognitivistas, em que se acredita que o desenvolvimento cognitivo segue o mesmo preceito do desenvolvimento biológico. Todavia, sabemos que até o desenvolvimento físico-corpóreo das pessoas não é meramente biológico. Sabemos que a cultura tem influência sobre tal desenvolvimento. Por isso, sociedades que seguem determinados padrões culturais de alimentação, por exemplo, apresentam desenvolvimento de altura maiores ou menores, ou seja, a cultura afeta até o desenvolvimento físico. A classe



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

social é também determinante de muitos aspectos morfológicos dos seres humanos.

Araújo; Souza Filho; Lima (2018, p. 274) colaboram explicando que essa concepção

considera ser a expressão construída na mente dos indivíduos e, por isso, o que eles dizem é reflexo do que está em suas mentes. Logo, a enunciação é vista como um ato individual e monológico que não seria afetado pelas condições sociocomunicativas.

Ainda na concepção de expressão do pensamento, o receptor e a finalidade do texto são desprivilegiadas. Não interessa para quem e por que se fala algo. A articulação adequada depende de como o desenvolvimento do indivíduo ocorreu, portanto, de sua capacidade de organizar seus pensamentos. Se admitirmos esta concepção, temos que afirmar que aquele que não se expressa bem é por que não pensa bem (GERALDI, 1984).

Alguns problemas merecem ser apontados quanto ao trabalho de leitura bíblica e de evangelização, entre os que têm a fé cristã, por esta perspectiva: a) o aprendiz que não aprende é facilmente desprezado, uma vez que se põe a culpa de sua não-aprendizagem em seu desenvolvimento biológico (há, portanto, um determinismo biológico implícito); b) esta concepção de língua/ linguagem favorece o aparecimento de preconceitos e divisões de grupos entre os que professam a fé nos escritos bíblicos (os que aprendem e são, portanto, “iluminados pelo Espírito Santo” e os que não aprendem e, desse modo, não fazem parte dos escolhidos – criam-se rótulos); c) o indivíduo é solitário na produção de seus enunciados. Esquece-se, assim, do contexto no qual tal sujeito se insere. Isto tem implicação direta no entendimento dos textos, pois o contexto de produção de cada texto que compõe a Bíblia deve ser levado em conta para o entendimento de em qual contexto foi produzido esses discursos. Esses problemas podem aprofundar tensões religiosas na sociedade. Defende-se, portanto, que um conhecimento crítico dos textos bíblicos e também do processo de tradução e mudanças textuais, ao longo do tempo, pode contribuir para uma convivência mais pacífica entre as diversas correntes cristãs e os não-cristãos.

Outra concepção, também monológica, que foi muito forte é a da *linguagem*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como instrumento comunicativo. Aqui, a língua é entendida como um conjunto de signos que formam um código pronto, esse é enviado por um emissor e decodificado por um receptor (ARAÚJO; SOUZA FILHO; LIMA, 2018). Ambos, emissor e receptor devem compartilhar das regras da língua e utilizá-las de forma próxima para que haja a comunicação. A linguagem é vista como externa ao indivíduo e à sua existência, não podendo este atuar sobre essa. As concepções de Saussure e Chomsky estão bem de acordo a essa concepção, que também desconsidera o social e o histórico.

Também merecem ser apontados alguns problemas ao se trabalhar pela perspectiva, da *linguagem como instrumento de comunicação*: a) é atribuído à língua caráter totalmente lógico, desconsidera-se que a língua também é feita de convenções e inovações; b) como na *língua como expressão do pensamento*, o social não é levado em conta. Para o estudo bíblico, esta concepção de linguagem também não é satisfatória, deixando vago os interesses discursivos contidos na Bíblia, assim como em qualquer texto.

As duas concepções vistas até aqui ajudam a desconsiderar todo o contexto histórico de produção dos enunciados bíblicos. Estudos e traduções bíblicas que concebem a língua de um destes dois modos não colaboram para entendimento crítico.

Mais recentemente, houve um grande avanço e a concepção que se encontra mais presente, no ambiente acadêmico, é a da *linguagem como forma de interação*. Entende-se, por essa concepção, que há uma interação social, onde existem relações de poder. O enunciatário atua sobre seu enunciatário e este também atua sobre o enunciatário. Além disso, todo o contexto, cultural, histórico, social e situacional, está presente, durante a realização linguística. Há, no ato da interação verbal, a imposição ou divulgação de valores. Esta concepção deixa de ser monológica, como suas antecessoras, passando a ser dialógica. Araújo; Souza Filho; Lima (2018, p. 274) ratificam esses dizeres: “A terceira concepção vê a linguagem como um lugar de interação humana e os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais que constroem e produzem sentidos dialogicamente”.

Referente à leitura, segundo a concepção adotada, já se privilegiou o texto, o autor e,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

hoje, há uma consideração maior pelo leitor. Atualmente, há um consenso maior de que a vivência, a história, a posição social etc. do leitor afetam sua compreensão acerca dos enunciados. O mesmo é válido para o tradutor que tem sua obra afetada por suas concepções e vivências.

Por esta perspectiva, é possível realizar um estudo de textos ditos sagrados muito mais profundo e buscar entender por que cada enunciado foi, daquele modo, produzido. Paulo, Mateus, Marcos etc. inseriam-se dentro de um contexto sócio-histórico-cultural e, por isso, seus enunciados devem ser entendidos dentro de tal contexto e transposto de maneira adequada ao contexto do leitor de hoje. A ampliação desse entendimento pode ser um fator de combate ao fundamentalismo religioso e a preconceitos justificados em textos bíblicos. Importante também é verificar, quando possível, para quem se destinava os enunciados produzidos em seus contextos de origem.

Diante desta compreensão, é possível realizar a tarefa de tradução dos textos de partida de modo mais fiel aos objetivos desses textos e também adequar a linguagem ao contexto do provável leitor, sem prejuízo da provável significação original. Em vista disto, a concepção de linguagem que se defende para estudo e tradução de textos bíblicos é o da *linguagem como forma de interação*.

Gêneros do Discurso

Em todos os campos da área humana, podemos ver a variação e a utilização da língua e seu uso efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, e são marcados como uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é claro, individual, mas a utilização da língua elabora seus tipos relativos estáveis de enunciados, denominados gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992).

Brait (2005, p. 63-70, passim) nos traz que o termo enunciado em algumas teorias, grosso modo, pode ser entendido como frase ou sequências frasais. Já em outras teorias mais pragmáticas, tal termo é usado em oposição à frase. A frase pode existir fora



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do contexto, o enunciado nunca. Assim o enunciado necessariamente precisa estar contextualizado, sendo uma unidade de comunicação. No pensamento bakhtiniano, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, por isso as noções de enunciado/ enunciação têm função central. Em *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica* (1926), os termos enunciado, enunciado concreto e enunciação ligam-se diretamente ao discurso verbal, à palavra e ao evento. Na obra do círculo [Bakhtin e seus parceiros], o enunciado e as particularidades de sua enunciação fazem parte necessariamente de um processo de interação que une o verbal e o não-verbal, que ao mesmo tempo faz parte do contexto imediato e do contexto amplo, histórico. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), o estudo da enunciação acontece quando são tratadas questões relativas à palavra e ao signo, às duas orientações do pensamento filosófico linguístico.

O conceito de enunciação é construído sempre com vista em um caráter interativo, social, histórico, cultural. O enunciado, necessariamente, possui um autor e um destinatário, é unidade completa de significação que exige uma atitude responsiva, ainda que virtual. Os enunciados, portanto, só podem ser entendidos dentro desta perspectiva e abrigando o contexto em que foram produzidos, a finalidade, ou seja, o contexto sócio-histórico-cultural e situacional.

Para Fairclough, segundo Meurer (2005), o termo gênero refere-se a um conjunto de convenções que servem para determinadas práticas sociais, como, por exemplo, uma entrevista de emprego. Fica claro que o gênero está ligado a práticas linguístico-discursivas e sociais. A Bíblia é um conjunto de textos resultados de práticas linguístico-discursivas e sociais e, por isso, o estudo dos gêneros interessa aos pesquisadores da área, aos tradutores ou aos leitores.

A linguagem se realiza por meio de inúmeros gêneros discursivos. Segundo Bakhtin, são infinitas as riquezas e variedades dos gêneros do discurso, pois, à medida que a própria esfera fica mais complexa, vai se diferenciando e se ampliando. Podemos ver, então, que a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

variedade humana é inesgotável. Encontramos estas variedades dos gêneros do discurso no cotidiano, em um livro de romance, em discursos políticos etc. (1992). A Bíblia é um livro que reúne uma imensidão de gêneros discursivos que vão desde gêneros poéticos, até gêneros argumentativos.

Os gêneros do discurso fazem parte de uma concepção dialética da linguagem, a qual entende o indivíduo como ser sócio-histórico que se constitui enquanto sujeito, conforme suas relações sociais, a partir de seu nascimento. Sobral (2005) nos atenta que Bakhtin recusa o sujeito infenso à sua inserção social, um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico e um sujeito fonte do sentido como um sujeito assujeitado. Isto se deve a ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção “negociada” do sentido. O autor propõe um sujeito que é, ao mesmo tempo, um eu para si e um eu para o outro. O sujeito só é sujeito para si em sua relação com os outros, como o sujeito que é nesta relação. O sujeito, por esta perspectiva, é um sujeito organizador de discursos, responsável por seus atos e responsivo ao outro. Ou seja, o sujeito é agente de suas ações e estas respondem a uma ação prévia e exige uma resposta posterior.

Conforme Fairclough (2001), os gêneros são conjuntos de convenções relativamente estáveis, ligados a um tipo de atividade socialmente aprovada, como uma conversa informal, uma entrevista de emprego, um documentário na televisão etc. Cada gênero ocorre em determinada situação, envolvendo agentes que o produzem e consomem. Os gêneros bíblicos possuem agentes que os consomem muitos séculos após sua produção. Os leitores da Bíblia, mesmo que em um contexto muito diferente do qual foi produzido aquele discurso, ainda hoje buscam entender aqueles enunciados produzidos há muitos séculos.

Nesse sentido, vemos que as questões acerca dos gêneros, enunciado, contexto sócio-histórico devem, necessariamente, também estar presentes quando se pretende realizar uma análise linguística, buscando um conhecimento profundo acerca do funcionamento da linguagem. No caso de traduções bíblicas, é necessário o conhecimento do funcionamento dos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

gêneros que circulam nas Escrituras, para, assim, serem revelados as significações possíveis dos textos. Vale lembrar que os gêneros do discurso são delimitados historicamente. Assim, eles vão se transformando ou caindo no ostracismo. A maior parte dos gêneros presentes na Bíblia, são gêneros antigos que não circulam socialmente, no tempo presente. Desse modo, é necessário conhecer os gêneros bíblicos para qualquer tipo de estudo que se queira fazer utilizando a Bíblia.

Análise Crítica do Discurso

A Análise do Discurso, derivada de abordagens multidisciplinares ao estudo da linguagem, ao mesmo tempo que é uma teoria, é também um método de análise do discurso; a qual possui forte preocupação social e pode desvendar aspectos importantes da vida social (MEURER, 2005, p. 81).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) pode ser utilizada no estudo das Escrituras, pois os textos bíblicos, como qualquer outro, foram realizados dentro de práticas sociais. Para Meurer (2005, p. 82-83), “a linguagem é uma forma de prática social” e as formas discursivas e as estruturas sociais interagem uma sobre a outra; “o discurso cria, reforça, ou desafia” as formas de conhecimento ou crenças, as relações sociais e as identidades ou posições sociais. Assim, a linguagem é constitutiva; os textos trazem traços ou pistas de situações sociais complexas e ACD tem função de investigá-los para tornar a relação destas práticas com a linguagem visível. Os textos são impregnados de relações de poder. A ACD investiga o papel da linguagem para manter ou desafiar estas relações de poder. “As formas de poder se articulam com ‘trabalho ideológico’ realizado em diferentes discursos”. Cabe à ACD explicar a interligação entre poder e ideologia, desvelando que todo texto refere-se a outro texto, localiza-se historicamente, responde, provoca ou coíbe outros textos. A ACD tem função emancipatória, tenta conscientizar os indivíduos das questões levantadas nos demais tópicos.

A vertente metodológica especifica como os textos são analisados, fundamentando-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se em: A ACD além de descritiva é interpretativa, buscando ser também explicativa, propõe-se a examinar os eventos discursivos sob os aspectos do texto, das práticas discursivas e das práticas sociais, sendo as três interconectadas; a análise do texto centra-se em “aspectos relevantes do léxico, das opções gramaticais, da coesão ou da estrutura do texto”, esta descrição não é, contudo, o fundamento da ACD, mas serve de base para a interpretação e a explicação; a prática discursiva preocupa-se com a produção, distribuição e consumo do texto, visando o estabelecimento da coerência do texto, sua força ilocucionária e os aspectos intertextuais e interdiscursivos presentes; a prática social explica o evento discursivo, estabelecendo as relações de influência mútua entre as estruturas sociais e os textos (MEURER, 2005, p. 83).

A ADC⁷⁸ “procura estabelecer um quadro analítico capaz de mapear a conexão entre relações de poder e recursos linguísticos selecionados por pessoas ou grupos sociais” (RESENDE & RAMALHO, 2004, p. 185). Interessa para a ACD o contexto de produção dos textos para a construção dos sentidos e desvelamento das ideologias e relações de poder. Resende & Ramalho (2004) apontam, também, o caráter emancipatório da ACD que, através do estudo das relações entre discurso e prática social, tem por objetivo revelar as crenças que dão sustentação às estruturas de dominação, com o alvo de desarticular tais estruturas. Em vista disto, a ACD vem criando laços com teorias sociais e metodologias variadas (p. 186). A ACD trata de fenômenos discursivos variados, especialmente os que dizem respeito a questões de poder, ideologia e discriminação (étnica, sócio-econômica, política e/ou cultural) (HEBERLE, 2004, p. 87-88).

[...] As análises empíricas em ADC devem movimentar-se entre o lingüístico e o social, pois o discurso é compreendido como uma forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade. O discurso, nessa concepção, é socialmente constitutivo – através do discurso se constituem estruturas sociais – e constituído socialmente – os discursos variam segundo os domínios sociais em que

⁷⁸ Não interessa ao nosso estudo a discussão sobre o nome mais apropriado para a teoria/metodologia que aqui se aborda. Contudo, reconhecemos a discussão existente sobre as variantes de nomes: Análise Crítica de Discurso e Análise de Discurso Crítica. Neste trabalho ambos são tomados como sinônimos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

são gerados, de acordo com as ordens de discurso a que se filiam. Uma característica determinante da ADC é seu caráter emancipatório. Por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, a fim de favorecer a desarticulação de tais estruturas. Com esse objetivo, a ADC vem se desenvolvendo, estreitando seus laços com teorias sociais e com metodologias várias (REZENDE & RAMALHO, 2004, pp. 185-186).

Fairclough (2001) propõe um modelo tridimensional de análise de discurso. Para ele, a análise de discurso deve contemplar o texto, as práticas discursivas e as práticas sociais (p. 101). O discurso, desse modo, é formado por esses três elementos, indo muito além da mera composição morfosintática. A figura abaixo representa o modelo proposto por Fairclough:

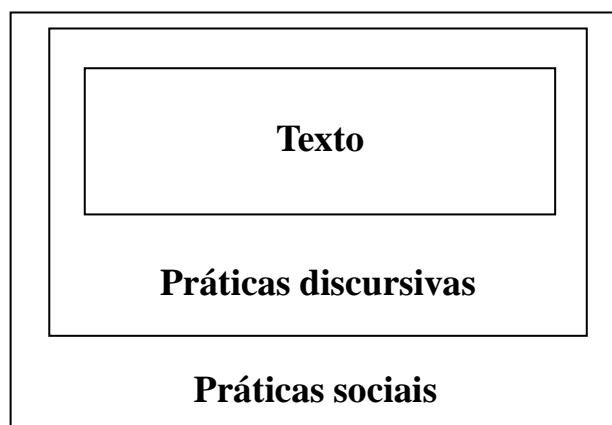


Figura 1 - Modelo tridimensional de discurso, conforme Fairclough (2001, p. 101).

Pelo modelo de Fairclough, fica claro que um texto tem sua existência dentro de práticas discursivas que, por sua vez, ganham vida dentro de práticas sociais. Em outras palavras, as práticas sociais moldam as práticas discursivas e estas dão o formato do texto. A união desses três elementos é o que constitui um discurso.

De acordo com Fairclough (2001, pp. 35-36),

a conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.

O estudo dos textos de partida, da sociedade, da cultura, do tempo-espaço em que foi produzido cada livro da Bíblia é de extrema importância para os que querem fazer um trabalho de tradução honesto e explicativo. Em vista disto, requer-se amplo conhecimento do contexto de produção dos livros das Escrituras para que se desvele as relações de poder e se combata vícios de tradução que apenas reforçam a intolerância religiosa.

Quanto ao tradutor do texto bíblico, este necessita de conhecimentos que vão muito além do conhecimento linguístico da língua original do texto. Tal profissional precisa ser um profundo conhecedor da cultura, história e sociedade em que foi produzido o texto bíblico que pretende traduzir e da cultura, história e sociedade dos eventuais leitores que pretende atingir. Desse modo, o discurso de sua tradução pode manter proximidade ao objetivo original do texto e atingir adequadamente o público a que se destina. O tradutor da Bíblia necessita ser um analista crítico do discurso.

O discurso é entendido pela ACD como prática social, realizado total ou parcialmente por meio dos gêneros textuais. Esse entendimento gera três implicações: os indivíduos realizam ações através da linguagem; há uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, ambos atuam e modificam um ao outro; a ACD preocupa-se com os recursos sociocognitivos, ou seja, o indivíduo atua sobre a sociedade e esta, sobre o indivíduo; o cognitivo não se sobrepõe ao social (MEURER, 2005, p. 85-87).

Assim, o que traduz o discurso bíblico deve estar ciente que o discurso que ele traduz é o discurso que contém pressupostos sócio-histórico-culturais daqueles que o proferiram, inclusive pressupostos da sociedade em que se insere ou inseriu o tradutor do texto, já que a tradução é afetada pelas visões de mundo do tradutor. Ser consciente disso é o primeiro passo para uma tradução igualmente consciente de suas limitações.

Toda esta reflexão é importante para compreendermos que a Bíblia possui, como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

qualquer texto, enunciados produzidos dentro de um contexto sócio-histórico. Desse modo, não se pode entender suas mensagens deslocada do entendimento da cultura e do autor (ao menos o provável tipo de pessoa) que produziu tal texto.

Algumas Considerações

Ao longo do texto, ficou claro que o homem é produto sócio-histórico-cultural, ou seja, suas concepções de mundo e seus discursos estão, inevitavelmente, ligados ao lugar social, ao tempo histórico e à cultura nos quais está inserido. Desse modo, é possível encontrar uma relação direta entre o discurso de um indivíduo e a ideologia de seu lugar social, de sua cultura e de seu tempo histórico. O tipo de cultura, o lugar social e o tempo histórico, simultaneamente, formam e transformam o indivíduo. Tudo isto ocorre por meio da linguagem.

Em vista do exposto, não se pode afirmar que haja discurso neutro e/ou objetivo. Todo discurso é subjetivo e ideológico. Todo discurso é, portanto, sócio-histórico-cultural. Assim, as traduções bíblicas para a língua portuguesa também não podem ser tomadas/entendidas como discursos objetivos e neutros. Tais discursos trazem presente as ideologias de seus autores, que refletem a sociedade e o tempo histórico em que se desenvolveram cada um deles.

A tradução bíblica de qualidade é aquela que leva em conta o contexto de produção dos enunciados contidos nos textos de partida e, além disso, tem um público alvo definido, levando em conta também o contexto de recepção (o contexto sócio-histórico do leitor a que se destina). Na maior parte das vezes, as traduções bíblicas para a Língua Portuguesa não levam em conta o contexto de produção e tampouco o de recepção. Desse modo, aparecem formas de linguagens arcaicas (que são entendidas/ confundidas por seus tradutores como forma de respeito), por exemplo, que não fazem parte da linguagem dos usuários destas traduções. Além disso, o contexto de produção dos textos é desconsiderado, gerando trechos com duplos sentidos e/ou de difícil entendimento.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O contexto de recepção quando considerado, produz traduções etnocêntricas como aponta Dietrich (2016, p. 114):

E quando analisamos a tradução de muitas de nossas Bíblias, vemos ali, que a etnocentricidade e a hipertextualidade estão muito presentes e exacerbadas. Na tradução da Bíblia, quase sempre, unem-se as concepções que consideram a cultura ocidental como a cultura, superior às demais, e a convicção religiosa de que o cristianismo é a única religião verdadeira.

Berman (2012) define o etnocêntrico como aquilo que valorizando sua própria cultura traz tudo para ela, considerando o Estrangeiro negativamente ou, no máximo, como elemento enriquecedor da cultura de chegada, se anexado ou adaptado. Defendemos que o contexto de recepção deve ser levado em conta, mas para que se considere qual a melhor forma de colocar o texto ou a nota de rodapé para que se entenda a cultura do Outro. É preciso trabalhar com o estranhamento e, sempre que possível, valorizá-lo como aspecto natural de contato com culturas alheias a nossa. Dietrich (2016) também tem esse entendimento. Para ele, o processo tradutório não se resume a cuidados com a língua de partida e de chegada. A relação com o Outro, o estrangeiro, a alteridade, ou seja, a busca pela leitura do Outro a partir dele próprio são questões que não podem ser desprezadas.

A visão de mundo, quando desconsiderada, é fator que compromete, muitas vezes, uma tradução. O homem entende o mundo, a partir do acúmulo de experiências que vivencia desde o nascimento. Por isso, cada ser é único em seu modo de pensar, já que suas experiências, por mais parecidas com a de alguém, nunca são exatamente iguais. É impossível fugir totalmente desse fator. Sempre estamos presos ao nosso modo de ver o mundo, de acordo com o que vivenciamos. No entanto, é tarefa do tradutor ser consciente de que todo homem é, inevitavelmente, ligado ao seu contexto sócio-histórico-cultural.

Creemos que, até o presente, as traduções bíblicas para a língua portuguesa não têm considerado os fatores aqui elencados. Defendemos que as traduções muitas vezes pecam pela literalidade, promovendo passagens de difícil entendimento aos contextos de nossa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

língua; ou erram pelo *excesso* de liberdade, pela falta de autoconhecimento, ou seja, o tradutor deixa sua visão de mundo, suas experiências pessoais que o constituíram como sujeito afetarem, em demasia, seu texto.

Questões sobre concepção de linguagem, gêneros textuais e Análise Crítica do Discurso são relevantes para o campo da tradução de textos (aqui se incluem as traduções bíblicas para a língua portuguesa), já que o processo de tradução vai (ou ao menos deveria ir) muito além da mera transposição de frases de uma língua para a outra. Uma tradução de qualidade é a tradução capaz de transmitir com maior fidelidade possível a intencionalidade do texto de partida, mantendo forma e estilo semelhantes (sempre que possível), levando em conta o público para o qual se destina.

É sabido que, na contínua busca pela equivalência no decorrer dos séculos, as tendências em favor de uma fidelidade à forma ou ao conteúdo têm sofrido alternâncias e a qualidade das traduções tem sido, historicamente, avaliada quanto a julgamentos voltados para a exatidão, fidelidade, adequação e outros, os quais carecem de melhor definição (CAMARGO, 2004)

Não podemos ser ingênuos, pensando que as escolhas que fazemos, ao produzir um enunciado, são livres de interesses, ideologias ou concepções pessoais. Nesse sentido, Bakhtin (1992) assinala que, muitas vezes, ficamos tentados a acreditar que, ao escolher as palavras de um enunciado, adotaríamos aquelas que, por seu tom, correspondem a expressão do nosso enunciado, mas podemos ver que, ao escolher a palavra, partimos das intenções construídas por nós, e todo intencional é expressivo. Todo enunciado sempre responde, de uma forma ou de outra, a enunciados anteriores. Portanto, o objeto de discurso do locutor se torna o ponto onde se encontram opiniões de interlocutores imediatos, através de uma conversa ou discussão em relação a qualquer ponto da vida cotidiana, visões do mundo, teorias etc.

Em relação aos textos bíblicos, é preciso compreender, em profundidade, o contexto de produção para se acercar da intencionalidade dos autores e produzir traduções conforme os enunciados originais, entendendo as relações que ali existiam. Bakhtin esclarece



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que é muito importante a compreensão de um enunciado, pois há sempre uma reação, atitude através desta compreensão. Uma compreensão responsiva busca exercer uma influência didática sobre o enunciatário, suscita sua crítica e tenta convencê-lo (1992). A partir de uma compreensão do provável significado original dos textos bíblicos, é que se pode aplicar adequadamente seus discursos para contextos específicos do presente e se produzir traduções que mantenham fidelidade ao significado.

Com esse texto, propôs-se uma consideração maior dos Estudos da Linguagem para o exercício de tradução bíblica e também para seu estudo. Acreditamos que, pelo uso das ferramentas que os Estudos da Linguagem disponibiliza, é possível minimizar a intolerância religiosa, bem como o uso de textos ditos sagrados como ferramenta de opressão. Como estudo introdutório e básico, é certo que muito há que se pesquisar.

Referências

- ARAÚJO, Maria Dolores Martins de; SOUSA FILHO, Sinval Martins de; LIMA, Lucielena Mendonça de. “Espelho, espelho meu: concepções de linguagem e ensino de gramática/ análise linguística no Ensino Médio” *In PERCursosLinguísticos*, v. 8, n. 18, p. 272-291, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso” *In BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- BRAIT, Beth; M ELO, Rosineide de. “Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação” *In BRAIT, Beth. Bakhtin: Conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CAMARGO, Diva Cardoso de. “Uma análise de semelhanças e diferenças na tradução de textos técnicos, jornalísticos e literários” *In D.E.L.T.A.* v. 20, n. 1, 2004.
- DIETRICH, Luiz José Dietrich. “Prostituta” ou “mulher sagrada”? A tradutologia de Antoine Berman e a tradução da Bíblia *In Revista Pistis Praxis*, v. 8, n. 1, p. 103-125, 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. “Concepções de linguagem e ensino de português” *In GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.
- HEBERLE, Viviane M. “Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias?” *In. Linguagem em (Dis) curso*, v. 4, p. 85-112, 2010.
- LIMA, Francinaldo de Souza. “História da tradução bíblica brasileira: o lugar da Nova Tradução na Linguagem de Hoje” *In PERCursosLinguísticos*, v. 8, n. 18, p. 153-167, 2018.
- MEURER, José L. “Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough” *In MEURER, J. L.;*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

OUSTINOFF, Michael. **T radução: história, teorias e métodos.** São Paulo: Parábola, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. C. Vieira Sebba. "Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas" *In Linguagem em (dis)curso.* Tubarão, v. 5, n. 1, jul./dez. 2004.

SOBRAL, Adail. "Ato/atividade e evento" *In BRAIT, Beth. Bakhtin: Conceitos chave.* São Paulo: Contexto, 2005.